

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO, 14-15 DE AGOSTO DE 1881 — ESCRITORIO—SANTA CATHARINA, 406, 1.º	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO)		N.º 10
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 "		Semestre.....	1200 "	
	Anno.....	1400 "		Anno.....	2400 "	

«Bombeiro Portuguez» querendo associar-se á festa de caridade que se realisa por iniciativa da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios de Porto, publica o presente numero expressamente destinado a ser vendido avulso, revertendo o producto liquido da venda a beneficio dos desventurados pescadores da costa do Furadouro, reduzidos á miseria por um terrivel incendio.

SUMMARIO

LOGAR, A. CRUZ. — SEM TITULO, A. de Sequeira Ferraz. — NECESSIDADES ECONOMICAS DO FURADOURO, Bento Carqueja. — CRUSADA SANTA, Braz de Paiva. — AOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO, Ernest Hemery. — O MALDITO, Firmino Pereira. — SEM TOM, NEM SOM, Francisco Carrelhas. — OS TRABALHADORES DO MAR, Gualdino de Campos. — UM QUADRO, Guilherme Fernandes. — VERSOS ANTIGOS, Jayme Filinto. — NUMERO DO INTERMEZZO, Joaquim d'Araújo. — DESALENTO, Lopes Teixeira. — A PATRIA DA CARIDADE, Padre Patricio. — NA PRAIA, Raul Didfer. — OS PESCADORES DO FURADOURO E A CARIDADE, Rodrigues de Freitas. — O PORTO, Xavier de Campos. — O PRINCIPIO ALTRUISTA, Xavier de Carvalho. — A VOZ DO BOMBEIRO, ***.

UMA enormissima catastrophe reduziu, ha dias, á mais extrema miseria, uma grande familia de trabalhadores infelizes, que tanto luctam e tanto se cansam, para nunca terem uma hora de descanso e paz.

Fallamos dos pescadores do Furadouro. Quando elles, na praia, se preparavam para lançar as suas lanças ao mar, o incendio ia-lhes roubando, como um salteador experto, todos os seus haveres.

Foi tarde, quando quiseram vencer o monstro.

Centenas de familias ficaram reduzidas á miseria, sem roupas, sem lar, sem nada!

Para elles pedimos; para acudir a tanto faminto, o *Bombeiro Portuguez*, pede uma esmola. Deus, no ceu, acolhe, no cofre da sua misericordia, estas dadas generosas, Quem aos pobres dá, a Deus empresta; dae, portuenses, uma esmola, que as orações de tantos paes e de creanças desprotegidas hão-de cair sobre nossas cabeças, como gotas de orvalho santo ou raios de luz serena.

Dae aos pobres do Furadouro, portuenses.

A REDACÇÃO.

LOGAR!

O Anjo do Exterminio
Que da Morte acóde ao rogo,
Das pandas asas de fogo
Largo vòo desferiu.
Triste burgo de miseria,
— O premio de quem trabalha, —
Em espantosa fornalha
N'un momento converteu.

A rubra lingua de fogo,
Impellida pelo vento,
Como um tigre que sedento
Leva a morte em sanha audaz.
A quem lhe impede a passagem,
Torvo o aspecto, o pello hirsuto,
Estendeu crepes de luto
Onde ha pouco havia a paz!

N'aquelles rostos tiszados
Dos valentes pescadores,
O pranto de cruas dôres
Abriu-lhes sulcos de fel.
Elles, que zombam da morte
Das ondas na sepultura,
Que guiam com mão segura
Nos escolhos, o batel,

Que domam firmes, serênos,
A's furias do mar irado,
Que zombam do rouco brado
Das ondas em convulsão;
Que abrigam no rude peito
Toda a virtude subida,
Que malbaratam a vida
Para salvar um irmão;

Que tem por armas, — a creença,
Contra o furor da procella,
Que então prece singella
Quando o mar os vae sorvêr,
Que só mendigam a esmolla
Quando o pão se torna escasso,
Hoje, no nosso regaço
Vêm nova vida beber.

Precede-os a Caridade,
Desenroladas as tranças,
Para cobrir as creanças
Sem calôr, sem pão, nem lar.
Das mães o seio queimado
Pela dôr — uma tormenta —
Não tem leite que alimenta,
Tem prantos para chorar.

De frente nua, saudemos
O cortejo da desgraça!
É Caridade que passa
Tirêmos nossos chapêus!
Na bocca d'essas creanças
Põe Jesus seu doce nome.
Dinheiro que mata a fome,
Costuma contal-o Deus!

A. Cruz.

— (9) (6) —

SEM TITULO

S OCCORRER os pobres e de mais a mais os pobres que uma catastrophe horrivel reduziu á miseria extrema, é um rasgo de philantropia dos mais dignos, dos que mais credores se tornam de sinceros e entusiasticos applausos.

Mas andar esmolando por toda uma cidade, de porta em porta, para melhormente poder mitigar a penuria e alliviar os soffrimentos áquelles desgraçados... eis ahi uma acção que eu não sei caracterisar condignamente. Para tanto, confesso-o francamente — falham-me palavras!

A. DE SEQUEIRA FERAZ.

NECESSIDADES ECONOMICAS DO FURADOURO

DESDE que um cataclysmo exerce a sua acção corrosiva sobre elementos creados, deve immediatamente surgir o pensamento de inocular sangue mais vigoroso no organismo material ou social que acaba de definhar-se. Este é o pensamento mais altamente dedicado, a iniciativa mais rasgadamente philantropica.

E', além d'isso, quasi uma necessidade social, porque a tendencia para a perfectibilidade tem sido desde todos os tempos o timbre mais nobre das individualidades que vão perpassando; e essa perfectibilidade, esse progresso social, como muito bem o proclama Menier no seu «Avenir Economique», está em razão inversa da acção coercitiva do homem sobre o homem, e em razão directa da acção do homem sobre as cousas.

E' do embate do esforço humano e da iniciativa

alevantada contra os elementos aniquilados; é da acção de muitos individuos, destinada a crear elementos de riqueza que não existiam; é de uma cruzada tão santa que deve erguer-se o futuro bem-estar das populações do Furadouro, vencidas por um providissimo infortunio.

Essa prosperidade, se assenta immediatamente no levantamento das construcções que o fogo aniquilou; se se baseia nos soccorros fornecidos ás familias; depende tambem não pouco de tudo quanto se fizer para crear o progresso do futuro, que Menier tão bem definiu.

Não deve, portanto esquecer-se a criação de uma industria local, differente da pesca: de um outro centro qualquer de actividade, onde possa ser aproveitado, como recurso de producção, o trabalho da colonia piscatoria, n'esses longos lapsos de tempo em que o mar lhe recusa a sua rica exploração. Não deve lançar-se tambem em menos conta a criação de caixas economicas, em que parte do salario de hoje vá cobrir a falta do salario de amanhã, falta que, infelizmente, se repete em povos sujeitos, como os pescadores, ás brevezas de um elemento poderoso.

Se promover o bem immediato é um benefico impulso de caridade, — erigir em pedestal solido a prosperidade futura é serviço não menos nobre, não menos digno da benção de tantos beneficiados.

BENTO CARQUEJA.

CRUSADA SANTA

Esmolla a quem tem fome! E' este o brado
Que nos inunda em onda de ternura!
Faça-se a luz n'aquella treva escura!
Derretamos o pranto congelado!

Onde ha desgraça implante-se a ventura!
—Ha-de fugir á fé ante o peccado?
Levemos riso ao peito angustiado
Dos que choram no seio da amargura!

Da crusada do Bem sômos guerreiros.
Lança em riste, marchemos presenteiros
Que o caminho é d'amor de crença é luz!

Manda em nosso soccorro a Caridade
Aquelle Deus d'amor e de bondade,
Que se sorri p'ra nós da sua cruz.

BRAZ DE PAIVA.

AOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

Têm sempre no labio as grandes notas francas
Das almas virginaes, das consciencias brancas,
Dos rijos corações ;
No peito sempre a flôr ideal da caridade,
E o braço sempre aberto a bem da humanidade,
— A mil dedicações !

São o bando leal das almas generosas,
Seguindo ardentemente as normas gloriosas
Dos soldados do bem !
Pois muita e muita vez do fogo — nos abysmos —
Excedem, a sorrir, os loucos heroismos
Athleticos da mãe !

Ainda hoje este punhado heroico de rapazes,
De tudo quanto houver de Grande e Bom — capazes,
Como almas sempre em flôr !
Foi que teve primeiro o pensamento santo,
De ir esmolar o pão de quem soffoca em pranto,
E se desata em Dôr !

Trilhai gloriosamente a senda começada
De ir entregar ao pobre a esmola abençoada,
— Que é dar ao cego a luz ! —
Que o premio vos será — um hymno surprehendente :
As lagrimas do triste, os risos do contente,
E as bênçãos de Jesus !

Agosto, 1881.

ERNEST HÉMERY.

O MALDITO

ERA d'uma vez, vá lá como nos contos antigos, era d'uma vez um homem, tido como orgulhoso e mau, que se impunha pelo terror a toda a gente que o conhecia. Nunca ninguém o viu commetter uma acção boa ; o deshumano, preferia, como diziam, deixar apodrecer as fructas das suas quintas, a dal-as aos necessitados ; concentrado, colerico, maltractava até a propria esposa, um anjo, que, ás escondidas, distribuia esmolas aos pobresinhos do logar !

Quando o povo o via passar, na rua, de olhos postos, aspecto duro, passo medido, murmurava, baixinho, a medo — Lá vae aquelle maldito, que até parece ter medo de levantar os olhos para o ceu.

Tinha razão o povo. Não fita nunca a luz de Deus, aquelle que tem a alma negra, e o coração empedernido. A luz faz mal aos homens toupeiras, que nunca abriam a alma ás doces impressões do bem.

Era odiado, o homem ; se alguém o via, de manhã, quando se dirigia ao trabalho, dizia logo : «Mau, não me luz o serviço d'hoje : que Deus affaste para, longe esta ave de mau agouro.»

Fugiam d'elle as creanças, como bandos de pom-

bas que fogem de quem as assusta ; ouviam dizer ás mães que elle era um mau homem, um maldito, que matava os pequeninos, para depois se banquetear nas suas carnes tenras, e tinham medo...

Era um monstro, um açoite, um castigo.

E todavia, elle, o amaldiçoado, quando passava junto d'uma cruz de pedra, que dividia uns caminhos, descobria-se respeitadamente, e enviava um olhar doce áquelle symbolo augusto da religião de Jesus, e quedava-se, por instantes, a contemplal-o. Ninguem nunca o viu n'esta abstracção d'espírito ; se alguém o encontrasse, correria logo a dizer que o infame estava a insultar o santo emblema do amor.

E, finda a oração, que oração era aquelle quasi extasi, seguia o seu caminho novamente, olhos postos, passo vagaroso, pensativo, como que ruminando uma ideia que o obrigava a pender a cabeça para o chão.

Um dia, era de tarde ; faziam-se nas ramarias dos arvoredos os preludios sonoros do grande concerto que as avesinhas innocentes consagram ao crepusculo ; sahia dos caseas uma espiral de fumo, chiavam os carros, regressando do trabalho, e as estrellas espreitavam no azul, o momento de se poderem mostrar em todo o poder do seu brilho. O reprobado, que se demorara mais, encaminhava-se para casa ; adeante, a distancia curta, umas creancinhas que corriam, no desembaraço da sua mocidade, perseguindo uma borboleta, foram surprehendidas por um cão, que ladrando, raivoso, encheu de medo aquelle bando de innocentes. O animal, dispunha-se a maltractar uma das creanças, que, hirta de pavor, nem forças tinha para fugir. O mau homem, o bandido sem alma, que era o demonio do logar, deu um salto, e tomando as amedrontadas creanças, fez-lhes muralha com o seu corpo herculeo. As creanças olharam-se, como a perguntarem se aquelle homem não seria mais perigoso que o animal, mas o choro estancou-se-lhes breve. Aquelle homem punha-lhes medo, mas tranquillizaram-se ; ha contrastes assim.

O mau homem, depois de afugentar o animal, voltou-se para as creancinhas, e beijou-as, com a ternura d'um pae amantissimo. Depois, seguiu outra vez o seu caminho, na mesma concentrada apostura.

Na encrusilhada d'uns caminhos, umas mulheres, embasbacavam-se deante d'aquella scena. Elle, o maldito, o cão negro d'aquelles logares, defender umas creancinhas, e beijal-as ainda, amorosamente, ternamente, como aquelles que tem alma para sentir e coacção para se commover ?

O povo, a partir d'aquelle dia, olhou com olhos mais benignos, o homem fatal ; pareceu-lhe menos sombrio, mais prasenteiro, mais bom. Já não o olhavam com medo as creanças, já não o maldiziam, as mães.

As mães ! Pois haviam ellas de maldizer, quem, um dia, protegeu carinhosamente os seus filhos ameaçados?... Não ; as mães nunca se esquecem dos que protegem os seus pequeninos. As mães são gratas, as mães são... mães !

A sombra de terror que envolvia aquelle homem, foi-se pouco e pouco dissipando. No povo, dizia-se já : Coitado, que grande dór o não avergará ; elle que traz a alma de lucto, é porque muito o seu coração soffre. Coitado d'elle, que parece que anda sempre vestido de noite !

As mulheres, deixaram-se de murmurar, de fazer vaticínios, de aventar supposições. Espalharam que era falso o que antes se dissera ; que elle nunca mal-

tractou a esposa, porque ha muito a não tinha, que era viuvo, e d'ahi, a sua grande dôr, que o tornava triste e abborrecido.

Viu-o um dia, em frente da cruz de pedra, descoberto, com os olhos pregados na Cruz, n'uma contemplação d'asceta, uma mulher, que regressava a casa, com o seu filhinho ao collo. A mulher, parou, surpresa; enterneceu-a aquella scena, e cahiu de joelhos. E' que só o coração da mulher adivinha uns certos mysterios intimos que mais ninguem é capaz de adivinhar.

Quando o homem findou a sua supplica, e attentou, n'aquella mãe de joelhos, com o seu filho ao collo, brilharam-lhe nos olhos duas lagrimas. E disse:—Bem-dita sejas mulher, que me comprehendeste: eu tive uma filha assim, formosa como uma virgem ideal, santa, como a luz de Deus; roubaram-m'a um dia, e eu vi-a cahir para sempre na sepultura. Entendes, mulher? tive uma filha que me morreu, e com ella se foi tambem a minha vida... ficou isto, que nem sei que nome tem... Deus te conserve o teu filhinho sempre, mulher, a doirar-te a existencia com a luz dos seus sorrisos; beija-o muito, muito, que eu tambem beijava muito a minha filha... Olha, se tu a visses, era tam linda, tam formosa?... No ceu não ha nenhum anjo que se pareça com ella, não! E eu vi a morte roubar-m'a, e não pude lutar com ella. Já é ser infeliz.»

E partiu, como um allucinado, n'aquella grande dôr que o tornava louco.

No povo, depois, quando o viam passar, disiam:—Lá vae aquelle santo, que já não tem mais lagrimas para chorar!

Leitora, commoveu-a esta veridica historia? Parece que lhe vejo bailar nos olhos uma lagrima?... Não dissimule, minha gentil senhora; ninguem como a mulher sabe chorar, como deve ser.

D'este conto, se conclue—Não se murmure nunca, não se aventem juizos temerarios, não se crimine sem prova. Nunca se chame a ninguem—maldito—, porque é sombrio e soffre; quando a alma padece, não ha rizo nem esperanças. Ha lucto, ha dôr, ha o inferno.

Porto.

FIRMINO PEREIRA.

SEM TOM, NEM SOM

AO TER de traçar duas linhas para esta sympathica publicação que procura minorar os soffrimentos dos meus queridos conterraneos cujo valor e bravura eu por tantas vezes tenho admirado chego (não se horrorise o leitor) a adorar este bello elemento destruidor—o fogo. Não imagina, meu caro, o alto interesse que os meus infelizes conterraneos teem despertado n'esta boa e dedicada gente portuense! Não o commove, de certo, saber que ainda ha corações que vibram fortemente á intima dôr alheia? Não o deixa vêr este facto a grande solidariedade affectuosa que mais e mais nos vae estreitando? Não será isto um claro indicio d'este *quantum* de felicidade que ardentemente ambicionamos? Poderá alguém duvidar que a luz radiosa do

Bem vae espancando da alma a paludosa sombra do Mal? Ora veja, meu caro, como eu, amando impetuosamente as sagradas dedicações, as reluzentes heroicidades d'esta *coisa* a que os pessimistas poseram um nome feio—chamando-lhe—mã, sou monstruosamente paradoxal tendo um culto singular pelas grandes e retumbantes catastrophes! Que quer? Ellas riscam de pittorescas fitas luminosas este escuro e monotono viver prosaico, e envolvem a alma humana n'um nimbo triumphante d'affectos.

Porto, 10 d'agosto, 1881.

FRANCISCO CARRELLHAS.

OS TRABALHADORES DO MAR

QUE SÃO, disse-o formosissimamente Victor Hugo, traçando no seu esplendido livro, «Les travailleurs de la mer», o vigoroso perfil de Gilliat, em lucta gigantea com os elementos, martyr de amor e de dedicação.

Quantos heroes da mesma plana, obscuros e assombrosos não terá havido e haverá por toda a occidental praia lusitana, na sua existencia dilacerada, e «pelo mar em pedaços repartida»?

Os d'essa classe, tão dignos de compaixão, vivendo entre nós quasi que confinados á costa, como o utilissimo carangueijo, o limpador que Michelet exaltou, parecem destinados a ficar eternamente incluídos na zoologia marítima, despresados sempre pelo orgulho das especies de eleição.

E todavia, os pescadores costeiros, como os do Furadouro, são simplesmente admiraveis, no seu laborioso trabalho de formiga, quando lançam as rêdes e as tiram pela areia traçojeira, movediça, e fulva, e perder de vista, onde o sol queima e scintilla, e onda o vento ruga.

Em vez de membros de uma sociedade constituida, são como que uns insectos do mar, pela consideração que sempre teem merecido aos poderes publicos, os quaes só os conhecem no fisco e nas luctas electoraes; fóra d'ahi, são menos do que as algas que a onda arroja á praia, ou do que essa prodigiosa quantidade de animalculos do mundo infinitamente pequeno que só despertam a attenção humana, de donde em onde, pelas suas phosphorescencias.

População laboriosa, sobria e forte, pela aspera lucta da vida, e sempre em combate com o elemento hostil, uma das mais bellas trovas populares tradusiulhe perfeitamente o destino:

A minha alma é só de Deus,

E o meu corpo é do mar!

Mas que fatal inclinação será a d'essa gente excepcional para um campo de trabalho, onde voga como n'um esquife?

E' que o mar, como tudo quanto é immensamente grande, assombra e attrahe, o forte e o fraco, tanto o homem de engenho, como o de cerebro inculto.

Mettem-se caravanas ao deserto, sem receio do simoun; lançam-se quilhas toscas á agua, sem pavor do abysmo; despedem-se aerostatos para o infinito azul, sem se attentar na contrariedade dos ventos, na queda e na falta de ar respiravel.

Admiravel tendencia do homem para o trabalho, para a universal exploração e para os perigos, na defesa e conservação da vida!

Pela ternura do amor universal na universalidade da alma, compadeçam-se todos da sorte dos infelizes pescadores do Furadouro, inscrevam todos os seus nomes nas paginas d'esse livro d'ouro aberto á cidade do Porto pela Real Associação Humanitaria de Bombeiros Voluntarios; correspondam á geral manifestação de sympathia e caridade para com aquelles infelizes que resumem o seu destino, na singeleza compungente d'estas palavras:

A minha alma é só de Deus
E o meu corpo é do mar.

que synthetizam tantas epopeias maritimas ignoradas.

GUALDINO DE CAMPOS.

UM QUADRO

Nós estávamos longe: por muito angustiadas que fossem as supplicas de tantos infelizes, não as podemos ouvir. O vento que nos traz correntes perigosas, não nos trouxe os gemidos de tantas familias que viam reduzir-se a cinzas os seus magros capitães.

Pobre gente! Amanhecêra-vos risonho e sereno o dia; o mar, o athleta gigante, que tem as soberbias d'um monstro e a serenidade calma d'um justo, estava doce e bom, como a chamar-vos, a attrahir-vos. E vós, heroicos lidadores, fortes na vossa fé, e ricos de vastissimas esperanças, fazeis planos de lanços abundantes, que indemnisassem os arduos trabalhos em que labutais!

Pobres pescadores!

Na praia, ranchos de creanças felizes, quasi nuas, a rebolarem-se na areia, contentes, descuidosas; mulheres a prepararem redes, homens a arrastarem barcos, e perto o mar — por cima Deus!

Simplees creaturas, honradas almas, generosos corações!

E emquanto toda aquella grande familia se preparava para uma lucta gigante, um ladrão covarde e traçoero, que se agachára a occultas em um canto, n'uma habitação, sae do esconderijo, aproveitando a ausencia dos moradores, que labutavam lá fóra nos preparativos para a pescaria, investe com furia infrene contra um bairro, o unico bairro, onde aquella pobre gente tinha o lar, a sua exigua fortuna, e destroe, e inutilisa, e mata, deixando após si a desolação — a desgraça.

Horrivel contraste com a paz, a vida, as risonhas esperanças de ha pouco!

Corajosos como são, no meio da procella, investindo com a furia das ondas, sentiam-se amedrontados em face do medonho aspecto de um outro elemento que não estavam acostumados a combater. O desespero e o panico apoderára-se-lhe do espirito ha pouco tranquillo, risonho e sereno.

Alguns dos mais destemidos e ouzados, quizeram oppôr-se á passagem devastadora do terrivel inimigo. Baldado intento!

Ninguem pôde sustar a carreira furiosa e allucinada do monstro, que parecia insaciavel. Elle parecia sahido do inferno; trazia de lá chammás que se não apagam, forças que se não vencem.

E quando tinha concluido a sua obra devastadora, fugiu traçoeramente como entrára, deixando ruínas, fome, miseria e lagrimas.

E os gritos das creanças que choravam por vêr chorar, dos velhos que se viam mendigos, dos novos que tudo perderam, punham no ar uma nota fria e medonha, que arripiava.

Infelizes pescadores, que ao cabo de tanto luctar, deu-vos o destino a fome!

A fome! Que medo! Que horror que faz esta palavra!

Mais tarde, quando parecia que já ninguem os podia socorrer, quando para elles, os infelizes, se lhes havia desvanecido toda a esperanza de auxilio e consolação, chegaram-nos aos ouvidos as supplicas angustiosas d'aquelles desventurados, pedindo pão e guarida.

Não imploravam em vão, pois que se era tarde para impedir o mal, era tempo ainda para o remediar.

Auxilium in periculo é a divisa de um gremio caritativo e philantropico, que teve por berço a cidade da Virgem e não podia desmentir o titulo que adoptára. O perigo havia passado, mas não a miseria; pedir remedio para ella, era engastar mais um diamante na corôa de glorias d'esse grupo e o appello não se fez esperar.

O Porto que timbra sempre em secundar as grandes iniciativas, que é a cidade caritativa por excellencia, corresponderá bizarramente ao chamamento. Matae, pois, a miseria, que se ella é forte, nós somos tambem corajosos.

Para os pescadores do Furadouro, portuenses.

GUILHERME FERNANDES.

VERSOS ANTIGOS

(FRAGMENTO D'UM POEMA)

O poeta lyrico

Mulher diz-me: — quem és,
Que é o que diz teu rosto?
Acaso algum desgosto,
Acerba dôr talvez
Assim te arrancou d'alma
A boa e doce esperanza?

Fausta

Nem todo o mal acalma
O balsamo que lança.

O poeta lyrico

Quem é que não espera
Da vida no verdor ?

Fausta

Alma que desespera
A' ideia do melhor...

O poeta lyrico

Será tua alma um vaso
Fechado a sensação ?
Será em ti acaso
Só nervo o coração ?
Será ; mas eu não creio
O que não posso olhar...

Fausta

Quem pode advinhar
O que me vae no seio ?...

O poeta lyrico

Dize como se sonda
Esse profundo olhar ?...

Fausta

Vae perguntar á onda
O que ha no fundo mar...

O poeta lyrico

Apieda-te, mulher,
Põe termo ao meu penar...

Fausta

Aprende a comprehender
A letra d'este olhar...

O poeta lyrico

No vasto azul dos ceus
A minha vista fito
E fico áquem de Deus
Perdido no infinito ;

E fito o vasto mar
Apoz a região cerula ;
Mas como advinhar
Onde se esconde a perola ?

E se te vou a olhar
Desce ante mim um veu
Como ao sondar o mar,
Como ao fitar o ceu

Dize como se sonda
Esse profundo olhar ?
Como hei-de eu ver na onda
O que ha no fundo mar ?

Como saber o arcano
De tão profunda magoa,
Se sou a gota d'agua
E tu és o oceano ?

Tudo me maravilha
Em ti ; tudo me assombra !

Fausta

Eu sou a mansenilha...

O poeta lyrico

Oh, dá-me a tua sombra.

1873.

JAYME FILINTO.

NUMERO DO « INTERMEZZO »¹

(HENRI HEINE)

Nas tuas faces habita
O ardente e vermelho Estio :
O Hynverno palido e frio
Reside em teu coração...
Mas, filha ! bem cedo o Hynverno
Hade vir-te ao rosto brando,
E teu seio irá cantando
Do Estio a alada canção...

Agosto, 1881.

JOAQUIM DE ARAUJO.

DESALENTO

I

Empresta-me a tua aza, phantasia !

— Para que desgraçado ? Além do azul,
Onde dizem que brilha o eterno dia,
Que vaes tu procurar ? — O vento sul

¹ A Gualdino de Campos — lembrança do traductor.

Que freme, lamentoso, no arvoredo,
Como um eterno para condemnado,
Faz oscillar os lirios bons de medo,
E calla a voz do rouxinol magoado!

De que serve subir? Que vês, que sentes?
Além, como aqui, minh'alma é fria...
Oh doce phantasia, como mentes!
Eu não quero a tua aza, phantasia!

I I

Tu foste procurar nas penedias,
Batidas pelo açoite do Oceano,
A ultima palavra, o desengano,
O allivio ás magoas que em ti vão, sombrias:

E os sinistros gigantes de granito,
Vibrados pelo mar convulso e rouco,
Riram um rir acavernado e ôco,
Reboando maldicções pelo infinito!

Depois, pediste aos refulgentes mundos
O segredo fatal e elles baixaram
Uns olhares magoados e profundos
E, — inda mais silenciosos, — fulguraram...

Foste então perguntar aos velhos troncos,
Que se estorciam na gelada sombra,
E ouviste apenas germinar na alfombra
Da floresta, os novellos negros broncos

Das raizes torcidas como braços
De gigantes, vencidos, soterrados!
— Baixaste aos precepícios congellados,
Das aguias foste aos alterosos paços,

E quem te respondeu? Sempre um mysterio,
A acorrentar-te á treva, a despenhar-te!
Sempre um silencio lugubre e funereo,
— O Nada, em que debalde aecia a Arte!

I I I

O Nada... sim, o esquecimento eterno,
Ao triste luctador, sedento exausto!
Que tenho eu? — E que teria o Fausto,
Se o não prendera aquelle perfil terno

Da pallida e formosa Margarida?
Felizes os que choram! — Mais os que amam!
Abençoados astros que derramam
A sua luz tão doce n'esta vida!

Amar! chorar! Consolação tardia!
Ama, chora, minh'alma atribulada...
Não podes, alma? — Então ao somno, ao nada!

Eu não quero a tua aza, phantasia!

LOPES TEIXEIRA.

A PATRIA DA CARIDADE

PIZEM que a caridade não tem patria e assim é se
lha buscarmos no mappa; não é, porém, o mes-
mo se, em vez de precorrermos o mundo phisico, a
buscarmos no mundo moral porque então acharemos
a patria da caridade nos mais nobres impulsos dos co-
rações bem formados.

Aonde paira a nuvem do infortunio desprendendo
uma chuva de lagrimas; aonde acaba a existencia d'um
pãe e começa a orphandade d'um filho; aonde geme
um enfermo e esmôla um infeliz; aonde ha luctas com
o desamparo, a miseria e a fome: ahi apparece o ar-
chanjo do bem com as suas azas de luz a abrir ás ge-
nerosas manifestações da beneficencia os corações que
prêsam a caridade.

Esta virtude sublime não é brasão d'uma raça,
d'um povo, ou d'uma familia, é o caracter d'aquelles
que sabem comprehender toda a immensa philosophia
com que Jesus disse aos homens: — Amai-vos como
filhos para que soubesseis amar-vos como irmãos! —

Bem dita é a crusada dos que animados pelo prin-
cipio fecundo da caridade pedem para os infelises do
Furadouro que se veem sem lar nem tecto entre um
mar d'areias, expostos aos rigores da fome e ás incle-
mencias da miseria.

Porto, 12 d'agosto de 1881.

PADRE PATRICIO.

NA PRAIA

(RAULA)

O mar é vasto e largo, acobertado agora
De espumoso lençol!
É elle que reflecte a purpurina aurora,
E nos esconde o sol!

Umaz vezes é bom! Tem a canção sonora
Do doce rouxinol;
Outras então possui o odio de quem chora
O ultimo arrebol!...

Mas sempre o vejo triste, envolto em paz serena,
Quando a curva do céu — em linda noite amena —
O alastra de luar...

Assim d'esta afina o sangue escandescente, estua,
Se o teu sorriso banha, immaculada lua,
O meu amor, — um mar!

Agosto de 1881.

RAUL DIDIER.

OS PESCADORES DO FURADOURO E A CARIDADE

SEJAM as esmolas pequenas, ou grandes, basta que sejam de harmonia com os haveres de cada um; perante o esforço individual dos que dão, cinco podem valer mais do que cincoenta; e dez vezes esses cinco chegam aonde subiu uma vez cincoenta; o grande numero de subscriptores permitirá que baste menor esforço de cada um d'elles; esforço que é ao mesmo tempo a producção de um dos maiores prazeres, a caridade.

Nesta obra a favor dos que soffrem, ha operarios de variados sentimentos; uns accorrem só porque ha quem padece, e a sympathia os impulsa; trazem sinceramente o que podem; trazem-n'o voluntariamente, e o coração que lhes alegra beneficiando o proximo, só lhes está triste por não poderem dar mais; tristeza infundada, visto que foram até onde podiam, mas que prova a grandeza da bondade d'elles. Outros precisam que o espectáculo ou o bazar os attraiha; misturam a festa com a beneficencia; juntam o egoismo á dedicação.

A humanidade é composta de modo que nos proprios trabalhos da caridade se manifestam as diversidades dos seres que a compõem: o essencial, é porém, que os infelizes sejam soccorridos; o trabalho da phylantropia não é prejudicado pela intervenção da arte ou da sciencia, que se preste a augmentar o concurso dos que combatem a desventura.

RODRIGUES DE FREITAS.

O PRINCIPIO ALTRUISTA

A CONSCIENCIA humana, emancipada hoje do theologismo e do subjectivismo methaphysico, só admite um estimulo effectivo de acção; o sentimento altruista. E' esta a gloriosa religião do Humanidade, onde os santos se chamam Dante, Camões, Lincoln, Kant, Virgilio, Lucrecio, Saint Simon, Mirabeau, Voltaire, Vasco da Gama, João Huss, Michelet, Proudhon, Augusto Comte, os artistas, os poetas, os reformadores, os revolucionarios, os eternos consoladores, os apóstolos do ideal. A disciplina mental do positivismo fez-nos conhecer que a caridade se fundava no egoismo espontaneo do homem primitivo; o christão exerce este sentimento religioso, não por desinteressado amor do proximo, mas com o sentido nos beneficios do paraizo celeste. A moral positiva que explicou o dogma da solidariedade humana, creou novas bases para a completa relação entre o individuo e a sua especie. A caridade portanto desappareceu e o altruismo surgiu emfim, brilhantemente, illuminando o mundo com uma claridade mystica. Foi obedecendo a este sentimento de fraternidade e d'amor universal que a heroica e gloriosa corporação dos bombeiros voluntarios do Porto promoveu esta festa em beneficio dos pobres pescadores do Furadouro. Uma saudação em nome do Futuro a tão nobilissimos coraçãoes.

Agosto, 1881.

XAVIER DE CARVALHO.

O PORTO

PORTO, a cidade dos grandes commettimentos, sempre generoso, sempre grande, abre a sua alma e deixa cahir em chuva d'ouro todo o seu amor do proximo, sobre os que lhe imploram, sobre os que lhe supplicam.

Um dia virá, e não ha de tardar muito, em que os chronistas do Bem, á falta de letras d'ouro com que registrar os seus sublimes feitos de nobre dedicação, hão de roubar ao firmamento as estrellas, como nos tempos das edades, Prometheu roubou o fogo do ceu.

XAVIER DE CAMPOS.

A voz do Bombeiro

Sempre do incendio ao estrepito
e á voz que o chama á lucta
corre o bombeiro intrepido!
E a elle? quem o escuta?

— Ser bella é dom celeste, egregia dadiva,
que a Providencia a credito concede.
Ser boa é o pagamento d'essa divida,
que Deus espera e aceita, e nunca pede.

Ser rico é ter guardado, em seu deposito,
sobras que são tributo á humanidade.
Ser nobre é contrair deveres civicos.
Ser pobre é ter direito á caridade.

Bellas, ricos e nobres, dai! Por jubilos
trocaís a esmola. Os fundos da indigencia
formam celestial caixa economica,
regida pelas mãos da Providencia.

Quem prevê o destino, ou sonda o vortice?
quem prevê, nobres, opulentos, bellas,
o dia de amanhã? que sorte mizera
nos preparam incendios e procellas?

Dar é guardar para o azar do incognito.
O' vós que dais, dormide sem receio.
O Porto, do dever ao brado supplice,
dá, como o Pelicano, o proprio seio. —

* * *